

Idade

É o tempo,
Que lhe corta os dias
O mesmo
Que me conta os casos,

Dos quandos,
Que eu não mais ouvia,
Aos comos
Sem porquês dos atos.

É dele
Meu desenho à pele,
O mapa pelo qual escapo
Da velha juventude eterna.

Ao tempo
Meu melhor bom dia.
Sem medo do que o sol me tira
Me farto do que a luz me soma.

Cartas a Virginia

Me lembra das cartas
As farpas do tempo que eu nem conhecia.
Mal iam no vento
Mal foram cuspidas de um brusco momento ...

Em que em silêncio brotavam palavras na língua mordidas.

Ah,
Mas as cartas não eram ...
Castas,
Como a pauta das folhas.

Davam,
Sem pudor aos seus olhos
Fundos,
De seu negro ilegível.

Delas,
Nem ao menos palavras
Fartas,
De tão mal compreendidas

Restam,
Nas postas noturnas
Sujas,
De tantas mãos frias.

Para seus olhos de vidro

Na íris surrealista
Do seu olho indefinido,
Mil camadas de sentido,
Luz e sombra sobrepostas.

De lâmpada fria
A incandescente,
Do olhar que não via
À luz, diretamente

E quando me olha
Me faz invisível,
Espírito despido,
Parte de você, indivisível

Hilda... so Hilst

Azul
De tua mágoa tinto,
Jaz
um amor roubado.

Só
Em molhados peitos,
Meu coração mofado.

Moscas
De vôos verdes,
Cercam, cerceiam restos.

Mortos
Nas peles cruas,
Nuas
De ti desertas

Cônjuge

Incômoda carne
Atada aos meus ossos,
Oculta resiste
Em peles e poros

Se antes vermelha
Do sangue que aflige,
É cinza dormente,
É túmulo em vida.

Descarna-me,
Resseca-me os vasos
Sangüíneos, ígneos, rasos
Covas contíguas, enfim

Memória

Todo homem
Traz seus mortos,
Na bagagem que carrega.

Cada mala
Um fracasso,
A duas culpas atado.

Um contâiner de talvezes,
Cem bagaços de desejo
Putrefando em fundo falso

Como falso é o poeta,
Desterrando frases tortas,
De amores descarnados,
Esperanças natimortas.

Véspera

Sua casa não me sai da cabeça. É como se eu entrasse em cada cômodo, todas as noites, catando vestígios de qualquer coisa sua. Passo pelo jardim, piso em sapos, sinto medo da toalha do lavabo, do seu irmão e do texto dele sangrando nas paredes. Sinto suor seco nas almofadas do seu quarto, saliva nas fronhas, poeira nos livros, mofo... e a bosta do ventilador não funciona.

Vi sua mãe, na sala. Ela riu meio rouca, como sempre. Você abriu a geladeira, meu olho parou no laranja 70 da copa, nos remédios do banheiro, trecos geriátricos no box. Medo de me sentar na banqueta e pegar as doenças da sua família. Herpes-hemorroidas-hemofilia-gengivite-vitiligo-depressão. Medo de ter filhos com pés enormes, cabelo ruim, dedos de sapo.

Fui embora.

A lua alivia as linhas da sua casa imunda, rompendo a estufa das memórias surdas que, sob a noite, vão morrendo à míngua.

E você feito fungo em madeira antiga.

Matéria

Nada sou além de sangue.
Significante insignificado,
Réstia de átomos ensimesmados,
Fosso de vida em mim estanque.

Se sangue sou além de nada,
O que é você, em si, de seu?
Alguma sombra do quem tem sido
Ciclo de seres sem fim num eu.

Na multidão de indivíduos,
Não se separa o seu do meu.
Na sua boca o que eu falo é dito
Às minhas costas sua cruz se deu.

No Escuro

Se a luz se apagar
Ainda serei eu,
No espelho?

E os medos que eu tinha
Ainda serão seus,
Receio ...

Se as letras que eu fiz
Alguém um dia ler ...
Não creio.

Que o som que em mim mora
Lhe seja,
Para sempre,
Alheio.

Resguardo

Helena
Que cale,
Se a voz do maldito
Ecoa em sua
Boca.

Se oca
De sonhos,
Perder seus sentidos
Gemidos num
Livro

Que oculte suas marcas de dentes na pele e
apague suas letras de amores antigos
que o tempo da vida é mais curto que a morte e
seus cios de fêmea são flores sem viço.

Meus Versos Seus

De que beleza
Se fazem letras?
Que se recortam
Entrecruzam
Citam.

Se encontram verbos,
Recriam mitos
Enroscam linhas
Que em traços
Riscam.

Essa é de todas
Essas que grito,
Da que se fala
Do que foi dito.

Se em cada sopro
Por mim sentido
Se escutam vozes
Do seu ouvido.

Sexta-feira

Da chuva que passou ficou o tempo.
Seco, só e nu, nenhum lamento.
No asfalto a borracha canta os freios.
Cheiro de queimado, solo, negro.
Dentro, a poesia ficou muda,
Tonta de cinzentos ares mofos.
Vozes que se calam, fogem gritos
Dia de silêncio, tédio em luto.

E se fossem vivas só palavras?
Doces, melodias em sussurros.
Toques, fossem sempre, gentilmente
Quentes, 32 graus, pele nua.

Lá ia eu dizer já que te amo.
Ia em ti amar de mil maneiras.
Pena que o que eu sei já não me engana.
Morre na poeira ao fim do dia.

Augusta

(para minha avó)

Eram seis... e a rede trançava fiapos de luz da janela tardia.

Lá...

Pralá-e-pracá, ao ranger desses ganchos

Maria ia e vinha.

Linha ...

E agulha entre os dedos

Morrentes dormentes

que iam e vinham...

E iam ...

Bordando retalhos

De tempos em tempos

Tão rotos dos dias.

Fria.

Na brisa da rede

Lembrava que ria

Das rosas

Que o vento varria.

Maria ...

Não via-se rosa.

E rósea,

Não se desfolhava.

Foi moça

Augusta Maria.

Sem dar conta

Que o tempo só

ia.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. 235 - 248, jan.-jul., 2011. Recebido em 19 abr.; aceito em 7 jun. 2011.

SÚMULA BIOGRÁFICA DA AUTORA

Andrea de Barros é publicitária, doutoranda em Teoria e História Literária pela Unicamp (bolsista CAPES) com estágio de doutorado-sanduíche no Instituto Mundial de Literatura "A. M. Górkí" em Moscou - Rússia. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP (2007), especialista em Leitura e Produção de Texto pela Universidade de Taubaté (2003), graduada em Comunicação Social pela Universidade de Mogi das Cruzes (1992). Membro da Sociedade Brasileira Dostoiévski / The International Dostoevsky Society, atua principalmente nas áreas de teoria e crítica literária; estudos culturais e de tradução; literatura russa e literatura brasileira. Foi vencedora do 25º Prêmio Profissionais do Ano, da Rede Globo, pela criação do comercial de TV "Praia", para o cliente Poliedro.